



Iracema

2024

Óleo

80cm x 100cm

André Barros Leal (Deco)

POR ONDE VOA IRACEMA

Texto: Eduardo Barros Leal

Revisão: Laura Juliana Cavalcanti

É do canto da jandaia, dos fios de croatá, das tintas e cores da juçara, de tudo aquilo que é preciosamente guardado em seu uru, que nasce e vive Iracema. A cada obra a personagem renasce, como uma imortal que insiste em não padecer. Aqui ela sai das mãos ritmadas e marcadas pelo tempo, de José de Alencar, para os traços firmes e contemporâneos de André Barros Leal, em uma perspectiva aguerrida e ativa da mulher indígena nativa das terras do Ceará.

De lança nas mãos, pés descalços e vestida de si, ela guarda a força de mil flechas e exhibe em seu rubro olhar aquilo que resguarda de outras vidas e lutas. Olhando para quem a vê como quem encara seu próprio tempo em nós. Banhada pela mata, tem a autorização viva para estar e agir em consonância com os propósitos e fazeres da floresta: resistir sempre, nunca ressabir.

A América codificada e traduzida em Iracema, dá vazão ao sentimento de pertencimento de quem deseja e irá contar a sua história, fazendo do seu caminhar uma identidade singular sem estrangeirismos culturais impostos pela literatura. Iracema abre os caminhos da sua própria história enquanto reivindica sua imagem e lugar adequados ao seu viver.

O artista cria ainda uma diagonal de leitura que contém uma beleza sublime. Ela inicia na mão aterrada da personagem, à esquerda do quadro, e vai até a ponta vermelha da lança, no alto, mais poderosa que qualquer cetro real. Lança esta, que, ao substituir o tradicional arco e flecha, materializa o lugar de suas batalhas frontais. Neste percurso estão contidas todas as cores que compõem o repertório visual e imagético da obra. Ali estão os tons terrosos que predominam o ambiente e o clima da pintura, o azul real vívido e reluzente das asas e das penas, o branco fosco das grossas águas e também uma breve linha horizontal, entre rubro e amarelo, que corta o quadro com o olhar da tabajara.

Em seus negros cabelos, a flor do pau-brasil é a força da própria mata atlântica. Em guarda, ela se apresenta impávida, envolta no canto de seus pássaros e penas, que simbolizam uma presença aguçada da vida e da morte ao seu redor em sintonia com tudo que a cerca. O artista, fabulando entre a literatura e a historicidade cultural de um povo, é feliz pois consegue criar em seu próprio tempo um novo lugar para que renasçam outras ficções, mais reais e mais táteis pela sua proximidade com aquilo que é necessário. É assim que André Barros Leal recria com força vital a imagem da guerreira indígena tabajara. Nem Parreiras, nem Medeiros, nem Alencar, Iracema.

Obra da série de pinturas do artista em pesquisa que investiga povos e personalidades da História e Literatura que, enquanto minorias sociais, tiveram grandiosa participação na formação histórica e cultural brasileira.